

À RODAS DOS JORNAIS (E TEATROS): MACHADO DE ASSIS, ESCRITOR EM FORMAÇÃO¹

Lúcia GRANJA

RESUMO *Desde o início da década de 60, Machado de Assis ocupou-se semanalmente com a tarefa de transformar o dia-a-dia em notícia. A crônica da semana narrava os recentes fatos passados, tentando apanhá-los através de um só texto, o qual deveria oferecer leitura de interesse. Era necessário que se revestisse o acontecimento que já fora notícia de um colorido novo. A leitura do folhetim deveria, assim, tornar-se aprazível e arejada e, nesse sentido, cada folhetinista cuidou de desenvolver o seu estilo próprio para produzir esses efeitos. Machado de Assis, ao devolver para o público as notícias que ele lhe oferecera, a crônica, acrescenta a ela o seu comentário irônico, as suas observações agudas, sobre a política por exemplo, o que cria no folhetim a “novidade”, apesar do assunto já conhecido. Junta a isso o investimento na composição coesiva do texto e o desenvolvimento de um narrador que investe nessa tessitura a fim de compor um texto de interesse. Paralelo ao envolvimento com o jornalismo, o jovem Machado esteve às voltas com o teatro, o qual, em seu parecer, poderia moralizar a sociedade. Assim, de sua crítica teatral e do próprio texto dramático, podemos extrair as idéias do escritor sobre Arte e Literatura e analisar alguns aspectos de sua dramaturgia.*

SUMMARY *Since early sixty-years, last century, Machado de Assis was kept busy with the job of transforming daily life into news which could not be only common information. Week chronicle narrated recent past facts trying to write them all in a cohesive text. This text should offer interesting lecture eventhough its matter was not knew. At this way, chronicles texts should be always improved. They should grant an special advantage to that old news. To obtain these effects, chronicle journalists developed a self style to product them. Machado developed a lot of resources to transform his chronicles in a text with a lot of humour, which could make its lectors laugh. He increased old news with his ironies, with his perfect and penetrating analysis about politics, for instance. Besides, he took care of the construction of his text developing an special narrator which one created also the interest of the chronicle. To increase this study, we are going also to look at another aspect of Machado's career. At*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 24 de novembro de 1997, sob a orientação da Prof^a Dr^a Vera Maria Chalmers.

the beginning of it, he dedicated himself to the Theatre too. According to him, Theatre could moralize society. So, we can know more about the development of the writer if we study aspects of his theatre criticism and dramatic texts, which were contemporary to his first chronicles.

Este trabalho encerra mais uma etapa dos meus estudos sobre Machado de Assis, centrados sempre no período que compreende os primeiros anos da produção do escritor e voltados principalmente para as crônicas jornalísticas que ele escreveu. Na realidade, esta tese centra-se nas crônicas escritas por Machado entre 1861 e 1865 e comenta, em linhas gerais, a produção de alguns textos dramáticos do escritor, nessa mesma época, assunto ao qual cheguei deixando-me levar pelas próprias crônicas que eu havia me proposto primeiramente a estudar.

Como se sabe, Machado colaborou com suas crônicas para vários periódicos de seu tempo, principalmente cariocas, durante muitos anos, desde o final da década de 50 até meados da década de 90. Assim sendo, sua produção jornalística é vasta e, como não poderia deixar de ser, variada. Podemos ter uma idéia de sua dimensão, observando o quadro abaixo no qual encontramos um resumo esquemático dessa colaboração de Machado²:

| TÍTULO DA SÉRIE | NOME DO PERIÓDICO | PERÍODO DE PUBLICAÇÃO | PSEUDÔNIMO COM O QUAL ASSINAVA OS TEXTOS |
|------------------------------|---------------------------------|--|--|
| Comentários da Semana | <u>Diário do Rio de Janeiro</u> | 12 de outubro de 1861 a 5 de maio de 1862 | Gil/ M.A. |
| Crônica | <u>O Futuro</u> | 15 de setembro de 1862 a 1º de julho de 1863 | Machado de Assis |
| Ao Acaso | <u>Diário do Rio de Janeiro</u> | 5 de junho de 1864 a 16 de maio de 1865 | M.A. |
| Pontos e Vírgulas; Badaladas | <u>Semana Ilustrada</u> | 1867 a 1876 | anônimo |
| Histórias dos Quinze Dias | <u>Ilustração Brasileira</u> | 1º de julho de 1876 a 1º de janeiro de 1878 | Manasés |
| Histórias dos Trinta Dias | <u>Ilustração Brasileira</u> | fevereiro de 1878 a abril de 1878 | Manasés |
| Notas Semanais | <u>O Cruzeiro</u> | 2 de junho de 1878 a 1º de setembro de 1878 | Eleazar |
| Balas de Estalo | <u>Gazeta de Notícias</u> | 2 de julho de 1883 a 22 de março de 1886 | Lélio |
| A+B | <u>Gazeta de Notícias</u> | 12 de setembro de 1886 a 24 de outubro de 1886 | João das Regras |

² O quadro contempla apenas a colaboração de Machado como **cronista**. Não inclui a crítica literária, a crítica de teatro, entre outras atividades que o escritor exerceu também junto aos jornais.

| | | | |
|-------------------|---------------------------|--|-------------|
| Gazeta de Holanda | <u>Gazeta de Notícias</u> | 1º de novembro de 1886 a 24 de fevereiro de 1888 | Malvólio |
| Bons Dias! | <u>Gazeta de Notícias</u> | 5 de abril de 1888 a 21 de agosto de 1888 | Boas Noites |
| A Semana | <u>Gazeta de Notícias</u> | 24 de abril de 1892 a 28 de fevereiro de 1897 | ----- |

Em nosso trabalho, centramo-nos na análise das séries pertencentes ao Diário do Rio de Janeiro, escritas entre 1861 e 1865 portanto, passando mais rapidamente pela série de O Futuro, a qual nos inquietava menos que as primeiras. Ainda em relação a esse período, procuramos esclarecer um problema que envolve a série “Crônicas do Dr. Semana”, publicada na Semana Ilustrada. Conforme podemos verificar, essa série, que contou com a colaboração de Machado durante mais de dez anos, entre 1860 e 1875, não consta do quadro sinóptico acima. O motivo é simples: há um problema de identificação da autoria desses textos, trabalho árduo que ainda deverá ser executado, uma vez que em raras ocasiões Machado assinou essa sua colaboração. Na maior parte das vezes, ele usou o pseudônimo coletivo “Dr. Semana”, o qual também ocultava os nomes dos outros colaboradores da série.

Procuramos estudar as crônicas de Machado tentando revelar o grande interesse literário desses textos. Assim, embora, pela natureza própria da crônica, fosse impossível que deixássemos de nos referir aos assuntos pertinentes à política miúda da vida do Império, ou aos assuntos políticos de dimensões maiores, como a Guerra do Paraguai, por exemplo, procuramos desvendar a construção literária da crônica de Machado e como as características que fomos descobrindo mostram o jovem cronista como um bom escritor de prosa, utilizando-se, já nessa fase, de recursos com os quais ele preencheria os seus grandes textos de ficção posteriormente. É de interesse, então, citarmos um exemplo dessa literariedade que procuramos descobrir no texto jornalístico de Machado.

A crônica que temos em vista foi publicada em 12 de junho de 1864, mas, para melhor compreendê-la, é necessário que conheçamos o seu contexto. No texto em questão, o cronista ataca duramente o Barão de S. Lourenço, senador do Império, pelo seguinte motivo: na semana que antecedeu ao dia 5 de junho, dia em que a primeira crônica de “Ao Acaso” foi publicada, o Barão fizera um discurso repleto de um tom chistoso, o qual, já por si, o cronista julgara inadequado. Juntara-se a isso o fato de o senador ironizar os literatos-políticos. Dissera que um sujeito “se fez algum verso, se chegou a arranjar um soneto, que talento, vá governar uma Província”.³ É claro que isso despertou o riso da platéia. Assim sendo, indignado com os comentários do senador, na crônica de 5 de junho, uma crônica que por falha da edição das crônicas do escritor feita pela Jackson está inédita, o cronista move sua pena em direção à sátira a um certo homem do Senado:

³ Citado por BROCA, Brito. “O Senador Jobim e o Barão de São Lourenço”. In: Machado de Assis e a política. São Paulo: Polis; Brasília, INL, 1983. p. 70.

“(…)

Uma das gracinhas do ilustre senador foi dizer mal dos poetas como homens públicos. Para S. Ex. um soneto é um pecado que priva o autor da mínima atenção dos homens sérios.

(…)

Seja-me lícito, portanto, lembrar ao ilustre senador meia dúzia de nomes que diminuem um pouco o efeito de seus *couplets* oratórios:

Meia dúzia entre mil:

Dante, autor da *Divina Comédia*, foi 14 vezes embaixador da sereníssima república de Florença, e se o seu poema conquistou a admiração do mundo, os seus serviços de homem público mereceram a consideração dos seus contemporâneos e a ingratidão de sua pátria;

Chateaubriand, autor dos *Martyres* e de *René* foi igualmente embaixador de França, e tem, ao par da glória de *Atala* a glória do congresso de Verona;

(…)

O Sr. Barão de S. Lourenço teve um fim muito transparente nesta parte do discurso: aproximar-se de Platão, que excluiu os poetas da sua república, e deixa patente que não há nada incomum entre S. Ex. e o seu, a muitos respeitos, homônimo, o tradutor do *Ensaio sobre o Homem* de Pope, e do *Paraíso Perdido* de Milton.

Farei uma última observação. Apesar do ódio entranhado que parece ter à poesia, o ilustre senador não deixou de falar em verso algumas vezes, com o auxílio dos *Lusíadas* cujo autor não era nem senador, nem fazendeiro, nem empresário.

Mas o discurso fez barulho e creio que nisto está preenchido o fim do ilustre senador. Foi um tiro de pistola no meio da praça. Todos voltaram a cabeça e a atenção está sobre S. Ex. (...)”⁴

Além de Dante e Chateaubriand, o cronista cita Gladstone, Lamartine, Garret e Martinez de la Roza como exemplos de grandes homens que foram estadistas e literatos ao mesmo tempo. Como se viu também, mostra que o próprio senador usara versos em seu discurso, apropriando-se de *Os Lusíadas*, e acrescenta em tom picante: “cujo autor não era nem senador, nem fazendeiro, nem empresário”. Critica, mais uma vez, o senador por querer “produzir barulho” com seus discursos, quando sua função não deveria ser essa em absoluto.

Depois do balanço crítico incisivo de Machado na crônica de domingo, o Barão voltou à tribuna, no dia 7 de junho, dizendo que a ocupava novamente para responder ao Presidente do Conselho e para reconciliar-se com as musas. Interessa-nos esse segundo caso. Disse, desta vez, que não condenara as musas, apenas quis que elas fossem poupadas para que não perdessem o brilho. Não desejava, ainda, que consistissem título para administração, mas não era inimigo da poesia. Ele mesmo não possuía jeito para poesia: possuía o estro, mas lhe faltava talento para a rima. Essa nova gracinha do

⁴ MACHADO DE ASSIS, “Crônica da Semana”, *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 5 de junho de 1864. p. 1.

senador, dizendo que possuía o talento poético, mas não sabia rimar, desperta a hilaridade do auditório mais uma vez e, ao que parece toda a zanga do cronista, que, dessa vez, será implacável com o gracejador do senado. Comentamos, a seguir, um trecho apenas da nova crônica de Machado, toda dirigida, pode-se dizer, a marcar a posição de autoridade do discurso do cronista por sobre o do senador e a desfigurar a imagem deste que se colocara como rival da crônica.

Revestido da autoridade que lhe empresta o seu comentário **escrito** da semana, uma vez que, ao recontá-la, praticamente dá a palavra final sobre ela, o narrador da crônica, que observa o desenrolar dos dias passados, utiliza-se, na construção da sátira, de imagens que teatralizam a vida quotidiana. Para arquitetar a sua crítica, o cronista parte da fala do próprio senador. Ele teria dito, na mesma fala de 7 de junho, que, com seu discurso, as musas ficaram assanhadas. A sátira é construída por uma imagem que o narrador vai buscar em um texto teatral:

“A musa, ignorando se S. Excia. está ou não sinceramente convertido, hesitou se devia escrever em prosa ou em verso. Uma terceira forma, que não fosse nem verso nem prosa, resolvia a questão, mas essa só o ilustre barão ou Mr. Jourdain no-la pode indicar.”⁵

O Barão afirmara, conforme verificamos, (a respeito do comportamento das suas musas) que possuía estro, mas que lhe faltava o talento da rima; o narrador compara-o à personagem de Molière, ao burguês que se esforça por instruir-se a fim de parecer fidalgo, ou seja, que se torna ridículo ao tentar atrair para si, a fim de melhorar a sua imagem, conhecimentos de que não dispõe e características que não lhe pertencem:

“(…)”

O SR. JOURDAIN

Por favor. De resto, preciso fazer-lhe uma confidência. Estou apaixonado por uma pessoa de alta estirpe e desejaria que o senhor me ajudasse a escrever-lhe alguma coisa em um bilheteinho que pretendo deixar cair a seus pés.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Muito bem.

O SR. JOURDAIN

Será uma galanteza.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Sem dúvida. É em versos que lhe quer escrever Vossa Excelência?

O SR. JOURDAIN

Não, não, em verso não.

O MESTRE DE FILOSOFIA

Só em prosa?

O SR. JOURDAIN

⁵ MACHADO DE ASSIS, “Ao Acaso”, *Diário do Rio de Janeiro*, 12 de junho de 1864. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Jackson, 1951. Vol 21, p. 12.

Não, não quero prosa nem versos.
 O MESTRE DE FILOSOFIA
 Há de ser uma coisa ou outra.
 O SR. JOURDAIN
 Por quê?
 O MESTRE DE FILOSOFIA
 Pela simples razão de que só podemos exprimir-nos em prosa ou versos.
 O SR. JOURDAIN
 Só existem a prosa e os versos?
 O MESTRE DE FILOSOFIA
 Só; tudo o que não é prosa é verso; e tudo o que não é verso é prosa.
 O SR. JOURDAIN
 E assim como a gente fala, o que é?
 O MESTRE DE FILOSOFIA
 É prosa.
 O SR. JOURDAIN
 Como? Então quando digo: “Nicole, traga-me os chinelos e dê-me o gorro de dormir”, estou fazendo prosa?
 O MESTRE DE FILOSOFIA
 Está sim, senhor.
 O SR. JOURDAIN:
 Puxa vida! Há mais de quarenta anos que faço prosa sem o saber! Fico-lhe muitíssimo obrigado por me haver ensinado isso.(...)”⁶

A identificação entre as duas personagens é feita de maneira direta na crônica. Tanto quanto Mr. Jourdain, que não conhecia a diferença entre prosa e verso e buscava expressar-se através de uma terceira forma, o senador brasileiro tornava-se ridículo ao tentar gracejar em relação às suas habilidades literárias dizendo que ele tinha inspiração para escrever, mas não talento para a rima. Ao aproximar as duas personagens, o narrador da crônica endereça a sátira àquela da realidade, cujo comportamento ele ridiculariza através da imagem que toma emprestada do texto teatral da tradição.

Através da citação literária, o narrador coloca o presente como comédia e, ao trazer a referência da comédia clássica para ilustrar a figura da personagem da realidade, endereça a sátira a esta última. Todo esse mecanismo da crônica, que eleva definitivamente o narrador, o grande produtor de discursos, está fundado no pacto que a crônica tem com o leitor, o qual poderia - e deveria, se quisesse levar adiante o processo de reconhecimento de todas as referências da crônica - reconhecer a citação e rir, assim, da atitude imprudente do senador, que, com a ajuda do cronista, agora se expunha ao ridículo público.

Aí está, conforme apontamos, a ironia do narrador, construída a partir da elevação literária de seu texto. Sua força e autoridade vêm de sua habilidade retórica superior à dos políticos. Ele acompanha os debates na câmara e nota os absurdos da prática política

⁶ MOLIÈRE. *O Tartufo; Escola de Mulheres; O burguês fidalgo*. Traduções de Jacy Monteiro, Millôr Fernandes, Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp 311-312.

parlamentar. O narrador monta uma comédia a partir da qual descreve o presente e finaliza a cena com o seu discurso habilmente construído.

Assim sendo, acompanhamos, até aqui, um pouco do que descrevemos em nosso estudo como o interesse literário da crônica de Machado e como formação do grande prosador que Machado se nos apresenta desde o início da década de 60.

Poderíamos dizer ainda que a forte literariedade da crônica e um gosto literário especial de Machado na época nos levaram até os seus textos dramáticos. Incluímos em nosso estudo um último capítulo sobre alguns dos textos que Machado escreveu, por essa época para teatro: Desencantos (1861); O Caminho da Porta (1862) e Quase-Ministro (1863). Pretendíamos observar como se movia o grande escritor que reconhecíamos existir, já nas crônicas, neste outro gênero, em torno do qual ele tanto trabalhou na época, como crítico, como censor, como dramaturgo. A conclusão não foi totalmente favorável em relação à dramaturgia machadiana. Assim sendo, fomos listando algumas dificuldades que encontramos na construção de seu texto - o peso das falas em algumas personagens, por exemplo, já que elas parecem querer trazer à cena uma voz moralizadora que ali parece um pouco deslocada. Embora olhemos para o teatro do ponto de vista de nossos estudos sobre a crônica, e por isso tendamos a identificar o escritor, na época, como um melhor prosador do que dramaturgo, procuramos, por outro lado, reconhecer em seu texto dramático algumas vantagens, como aquelas que emergem de uma leitura irônica, na contra mão da lição de moral aparente, que contraria, a partir da periferia, a moralidade explícita que suas peças parecem querer encenar. Isso se faz bastante presente nos comportamentos de algumas das personagens femininas, por exemplo, que parecem superar a mundo moral do mundo dos homens. Este capítulo, poderíamos dizer, saiu-nos então como o resultado de uma angústia: como reconhecer a literariedade do texto jornalístico de Machado sem sequer olhar para a sua outra produção literária do momento? Assim sendo, ele não pretendia esgotar as possibilidades da discussão ou analisá-la completamente. Pretendíamos, como fizemos, trazer o dramaturgo à luz em nossos estudos sobre o cronista, analisando alguns aspectos de sua produção.

Refletindo sobre o teatro de Machado e apontando para a análise de seus contos do período, os quais ele passou a escrever assim que, a partir de meados da década de 60, diminuiu o seu envolvimento com o teatro, concluímos que a sua produção jornalística do período demonstra uma superioridade notável em relação aos outros gêneros aos quais o escritor se dedicou. Resta então uma pergunta: por que o narrador da crônica se sente tão à vontade em seu meio, enquanto o narrador-contista e o autor de teatro ainda titubeiam? Algumas respostas nos vieram em conclusão ao trabalho, entre elas a seguinte: já nas crônicas vemos o papel fundamental do humor na obra de Machado. Nas crônicas - e através das comédias - o jovem escritor já nos deixa perceber o que ele perceberia mais tarde (ou o que já percebera ao tentar escrever comédias): o humor deveria ser incorporado a seus escritos porque, através dele, poderia realizar bem a função moralizadora que, como crítico, nesse mesmo período, exigira para a arte. Nessa perspectiva do humor, o narrador irônico desenvolvido nas crônicas foi tomando forma na ficção posterior. Ao que parece, Machado pôde encontrar um viés através do qual desenvolvesse a Literatura Brasileira, dentro dela a prosa ficcional para a qual seu

talento o indicava, uma vez que é até mesmo anterior a esses escritos - às crônicas do Diário do Rio de Janeiro e ao teatro-, a sua preocupação com a produção de uma Literatura nacional. Ele enuncia em um artigo publicado em 9 e 23 de abril de 1858, em A Marmota:

“Tratemos das três formas literárias essenciais: o romance, o drama e a poesia. Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros se tem dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance: apesar mesmo da convivência perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude, endeusa, nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades nacionais”.⁷

Se poucos escritores se davam ao estudo de uma forma como o romance, ou se deixavam levar pela influência da Literatura Francesa sem buscar para a forma literária a cor local com a qual se adaptasse aqui, Machado foi um dos jovens escritores que levou em frente essa experimentação das novas formas literárias, até que as encaixasse nos romances (e contos). Assim sendo, transcorridos quinze anos desde o artigo publicado em A Marmota, escreve para o Novo Mundo, de Nova York, uma “Notícia atual da Literatura Brasileira”, em que afirma existir “certo instinto de nacionalidade”: todas as formas literárias procuravam “vestir-se com as cores do país”. Sem dúvida, aí Machado reconhece um avanço de nossa Literatura, mas, no que diz respeito ao romance, à prosa de ficção, insinua uma queixa:

“Compreendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, convida a natureza americana (...). O romance, sobretudo, apoderou-se de todos esses elementos de invenção(...)

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.(...)

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhes oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu

⁷ MACHADO DE ASSIS, “O Passado, O Presente e O Futuro da Literatura”, A Marmota, 9 e 23 de abril de 1858. In: - Obra Completa, vol III. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986. 3 vols. p. 788. 178

tempo e do seu país, ainda quando trata de alguns assuntos remotos no tempo e no espaço.”⁸

Ao que parece, então, o nacionalismo que pretendia para a Literatura, Machado não procurou apenas se utilizando do conceito romântico de cor local, no sentido do exotismo e nativismo. O “sentimento íntimo” que faria com que o escritor fosse senhor de seu tempo e de seu país, Machado buscou incessantemente, de modo que encontrou na prosa livre, humorística, fragmentada, construída por um narrador com vida própria, propositadamente intrusivo e desafiador, a forma em que reconhecesse o caminho para a formação de uma literatura realmente brasileira. E, com certeza, nesse caminho, esteve sempre presente a experiência do narrador-cronista de seus jovens anos.

⁸ MACHADO DE ASSIS, “Instinto de nacionalidade”, *Novo Mundo* 24 de março de 1873. In: - **Obra Completa**, vol III. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986. 3 vols. pp 803-804.